

Garimpeiros no Suriname: panorama histórico e atuais implicações

Garimpeiros in Suriname: a historical background and current implications

Rafael da Silva Oliveira*

Meridiano 47 vol. 12, n. 125, mai.-jun. 2011 [p. 53 a 60]

Nota introdutória

Desde sua independência em 1975, estimulada pelos Países Baixos e consolidada em meio a turbulentos conflitos e discordâncias entre os distintos grupos *quilombolas* e as lideranças políticas da capital, o Suriname tem vivenciado um vertiginoso declínio econômico em consequência dos anos do golpe militar e, posteriormente, da guerra civil, fatos que são sentidos até os dias atuais (VRIES, 2005; PROCÓPIO, 2007).¹

Com economia incipiente, baseada principalmente na exportação de bauxita e ouro, o Suriname depende em sua maioria dos lucros adquiridos através das atividades ilegais da extração aurífera e, em menor grau, da extração da madeira. Outra fonte financeira significativa é oriunda dos fundos de desenvolvimento, doados pela Holanda a sua ex-colônia, além das remessas enviadas por parentes que residem nos Países Baixos.

Fruto de uma independência declarada pela própria metrópole – cujo projeto pós-colonial era desacreditado por grande parte de sua população –, o Suriname sofre atualmente com o frágil sentido de Estado-nação, que ainda não está profundamente enraizado na população (RIBEIRO, 2006). Em consequência, o Estado não possui autoridade efetiva no interior do país, em especial nos territórios quilombolas. Os fluxos da diáspora são comuns; predominam os altos índices de contrabando e atividades ilícitas – desde a extração ilegal do ouro até redes internacionais de exploração sexual e do comércio de drogas e armas para o Caribe e Europa –, responsáveis por gerar uma significativa parcela do capital que movimenta as atividades comerciais (KRUIJT; MAKES, 2002; LEAL; LEAL, 2002; OLIVEIRA, 2011).

Cumprir mencionar que tais atividades ilícitas, principalmente a extração de ouro, vêm atraindo significativos contingentes de brasileiros, propiciando um intenso fluxo migratório intrarregional em direção ao Suriname. Sendo assim, o presente artigo visa apresentar um panorama histórico para compreensão do fenômeno migratório dos garimpeiros² para trabalharem no Suriname e, sobretudo, as implicações de sua presença nessa atividade que, na

* Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo – USP e Professor Assistente do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Roraima – UFRR (rafasolufrr@gmail.com).

1 O autor agradece à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Programa Pró-pesquisa II – 2008-9 e Bolsa de doutorado desde 2010) pelo apoio financeiro, bem como ao *Institute of Graduate Studies and Research* da *Anton de Kom Universiteit van Suriname* pelo suporte e acolhida.

2 Empregaremos o termo “garimpeiro” para referirmo-nos aos brasileiros que trabalham na mineração do ouro em pequena escala no Suriname, pois os trabalhadores de outras nacionalidades (notadamente surinameses e guianenses) são chamados de “*porknockers*”.

maioria dos casos, ocorre de maneira ilegal. Para elaboração do presente estudo, realizamos, entre os anos de 2009 e 2011, quatro pesquisas de campo nas áreas de garimpagem do Suriname, com o intuito de mapeá-la, entrevistar garimpeiros e quilombolas sobre a atividade do garimpo e coletar dados e informações em setores do Governo como, por exemplo, o *Algemeen Bureau voor de Statistiek – ABS* (Serviço Geral de Estatística) e o *Geologische Mijnbouwkundige Dienst – GMD* (Serviço Geológico de Mineração).

Para tal, o artigo encontra-se subdividido em duas seções. A primeira é dedicada à exposição do panorama e condicionantes históricos que contribuíram para a consolidação dessa rota de fluxo de garimpeiros em busca de trabalho no território surinamês. Já na segunda seção, apresentaremos o atual cenário da atividade garimpeira no Suriname.

Breve histórico da migração de garimpeiros para o Suriname

A chegada dos primeiros garimpeiros no Suriname, em consequência do *boom* da corrida do ouro na Amazônia, extrapolando assim seus limites nacionais, coincide com o período da guerra civil nesse país (1986-1992), sendo este um dos acontecimentos mais importantes de sua história recente; isto não somente pela importância política, mas, sobretudo, por ter contribuído para estreitar os laços entre os quilombolas e garimpeiros que atravessaram a fronteira norte do Brasil. Tal relação que tem a extração do ouro como ponto convergente, desde então, tem contribuído para alavancar a economia surinamesa e, principalmente, alterado o cenário desse país em diversos aspectos.

Insatisfeitos com a ditadura no país, instalada após o golpe dos sargentos, em julho de 1986, um grupo de quilombolas capitaneados por Ronnie Brunswijk formou o *Surinaams Nationaal Bevrijdingsleger* (Exército Surinamês de Libertação Nacional), conhecido popularmente como *Jungle Commando*, e inicia seus ataques contra o governo militar, eclodindo a guerra civil. O grupo insurgente realizou ataques a postos militares, roubando armas, suprimentos e detendo membros das Forças Armadas como prisioneiros de guerra. Em resposta, o governo realizou uma série de operações, atacando a população quilombola, saqueando e destruindo aldeias. Tais atentados forçaram a fuga de milhares de quilombolas que atravessaram a fronteira para a Guiana Francesa, entre eles, cumpre mencionar, cerca de 10 mil Ndyukas, que entraram no território vizinho como refugiados reconhecidos (BOURGAREL, 1990; PRICE; PRICE, 2001).

Em poucos meses de guerra civil, o *Jungle Commando* começou a direcionar seus ataques para empresas madeireiras e áreas de mineração da bauxita, além de destruir parte da rede de infraestrutura que servia a capital, como, por exemplo, postes de energia elétrica. Os sucessivos ataques, além de gerarem danos na precária rede técnica existente, também dividiram o território em duas áreas: i) a porção oriental, na fronteira com a Guiana Francesa, passou a ser controlada pelo *Jungle Commando*; e ii) o restante do país, pelo governo militar. Nesse momento, o governo estabeleceu uma política de isolamento da área controlada pelo *Surinaams Nationaal Bevrijdingsleger*, com o intuito de limitar seus recursos e enfraquecer o movimento contra o governo de Bouterse (VRIES, 2005).

Na porção leste do território surinamês, com a ausência do Estado, os serviços públicos desapareceram durante os seis anos de intensa guerra civil (1986-1992). As escolas e os serviços básicos de saúde na região controlada pelo *Jungle Commando* pararam de funcionar, e os contatos comerciais passaram a ser estabelecidos com a Guiana Francesa. Ilhados em relação ao restante do país, o grupo insurgente comandado por Brunswijk começou a incentivar a mineração do ouro para financiar a guerra e prover as necessidades da população quilombola (HOOGBERGEN; KRUIJT, 2004; VRIES, 2005). As primeiras atividades voltadas à extração do ouro pelos quilombolas ocorreram a partir da utilização de dragas e balsas que pertenciam ao *Geologische Mijnbouwkundige Dienst* (GMD) e foram apreendidas pelos guerrilheiros durante incursões nos principais rios situados na porção oriental do Suriname (VLETTER; HAKSTEGE, 1998).

Já na transição da década de 1980 para 1990 o ouro se torna a moeda corrente alternativa no leste do Suriname, e os primeiros brasileiros começam a chegar para trabalhar nas dragas e balsas administradas pelo Jungle Commando (HOOGBERGEN; KRUIJT; POLIMÉ, 2001). Diversos relatos coletados com os garimpeiros que vivem no Suriname há mais de quinze anos, assim como os depoimentos adquiridos dos quilombolas, apontam que o próprio líder Ronnie Brunswijk estimulou a chegada dos primeiros brasileiros ao Suriname. De acordo com as entrevistas, os primeiros garimpeiros chegaram através da *varaço*³, cruzando a fronteira do Amapá e atravessando a Guiana Francesa até atingir o rio Marowijne no Suriname.

Em julho de 1989 é assinado um acordo de paz na Guiana Francesa que ficou conhecido como o *Acordo de Kourou*. Todavia, o chefe do exército, Desi Bouterse, se opôs ao acordo, e os conflitos armados continuaram por diversos pontos no interior do país (VRIES, 2005), cuja paz foi restaurada somente em 1992, após muitas negociações. Este momento em que a ordem é restabelecida no Suriname coincide com o auge das operações no Brasil na área Yanomami e, sobretudo, o aumento das pressões sobre a atividade garimpeira, em consequência da extinção do regime de Matrícula e estabelecimento do regime de Lavra Garimpeira (Lei nº 7.805, de 18 de julho de 1989, que altera o decreto anterior – Decreto-Lei nº 227, de 28 de fevereiro de 1967).

A partir do discurso da promoção dos agentes garimpeiros (que deixam de ser um trabalhador individual, uma “figura isolada”, passando a ser uma “empresa”, um grupo organizado – uma classe – a partir do trabalho cooperativado) e, principalmente, da preservação do meio ambiente e dos povos tradicionais, a Lei foi estabelecida. No entanto, a maioria dos garimpeiros não a respeitou (salvo alguns exemplos em distintos pontos do país). Em Roraima, por exemplo, continuaram ocupando as áreas dos povos indígenas e, também, desenvolvendo a garimpagem em grupos eventuais ou de maneira independente.

Em meio às “novas regras” do garimpo, as ocupações irregulares em áreas indígenas, a franca mobilidade para além das fronteiras, os interesses de Estado no tocante às fronteiras com o Projeto Calha Norte e as diversas pressões nacionais e internacionais (por parte de instituições de proteção ao meio ambiente, grupos indígenas organizados e organizações militantes na defesa dos Direitos Humanos), o então presidente Fernando Collor de Melo anuncia, em 4 de março de 1990, o início da “Operação Selva Livre” e o “fim” dos garimpos (MACMILLAN, 1995; SOARES, 2007).

Foi estimada, entre os anos de 1987 e 1990 (segundo dados do DNPM e da Funai), a presença de aproximadamente 40 mil garimpeiros trabalhando ilegalmente na área indígena Yanomami (MATHIS, 1995; RODRIGUES, 1996). Essa operação de retirada dos garimpeiros prolongou-se até meados de dezembro do mesmo ano, quando a Polícia Federal passou a explodir pistas clandestinas (para impedir o retorno dos garimpeiros) e a destruir os equipamentos necessários para a atividade do garimpo, atingindo assim os donos de máquinas que começaram a procurar áreas com menos fiscalização e “maior tranquilidade para trabalharem” nos países vizinhos.

Diante da situação imposta na Amazônia brasileira, somada ao estímulo gerado pela *fofoca do ouro*⁴ no leste do território surinamês, um intenso movimento migratório de garimpeiros seguiu para esse “novo Eldorado”. Nessa época, a mineração do ouro era realizada nos leitos dos rios (através da utilização de dragas e balsas), situação que foi drasticamente alterada a partir da intensificação do fluxo de brasileiros para a região. Os garimpeiros conheciam técnicas de desmonte hidráulico em terra firme, método de extração desconhecido pelos quilombolas e que, por conta da facilidade de implementação, passou a ser predominante no Suriname. Em pouco tempo, a chegada dos brasileiros e, sobretudo, a relação destes com o ouro contribuíram para que a mineração artesanal desenvolvida pelos quilombolas cedesse espaço para o ritmo empreendedor trazido pelos atores dessa nova frente migratória (HOOGBERGEN; KRUIJT, 2004; THEIJE; HEEMSKERK, 2009).

3 *Varaço* é uma expressão garimpeira para dizer que uma pessoa caminhou por vários dias na mata.

4 Expressão comum entre os garimpeiros e demais envolvidos nessa atividade que diz respeito à disseminação de informações, através do “boca a boca”, sobre novas áreas de garimpo com grande potencial de extração, atraindo inúmeras pessoas em busca do ouro.

Atual cenário do garimpo no Suriname

A atividade do garimpo no Suriname é majoritariamente realizada pelos garimpeiros, cuja maioria vive/trabalha em situação irregular no país (HEEMSKERK, 2009). Apesar da imprecisão dos cálculos, devido à própria fluidez e invisibilidade da atividade, existem estimativas que afirmam existir aproximadamente 20 mil garimpeiros espalhados em centenas de minas no Suriname, representando assim cerca de 5% da população do Suriname (ABS, 2006). Além dos garimpeiros, existem outros brasileiros que atravessam a fronteira em busca do ouro através de atividades indiretamente atreladas ao garimpo, tornando o entendimento desses itinerários da mobilidade ainda mais complexos.

Oriundos, em sua maioria, dos estados do Pará e Maranhão, atualmente os brasileiros entram no território surinamês das mais distintas formas e utilizando variadas estratégias: i) chegam por avião, saindo tanto dos aeroportos de Boa Vista quanto de Belém; ii) atravessam a Guiana de barco ou navetes (vans), saindo de Lethem (na fronteira com o estado de Roraima), cruzando o limite oeste pela cidade de Nickerie; iii) saem do Oiapoque (Amapá) em embarcações e micro-ônibus até alcançarem a cidade de Saint-Laurent du Maroni em direção à fronteira leste, na cidade de Albina; iv) saem do Oiapoque em direção a Maripasoula para chegarem diretamente em importantes áreas de garimpo do Suriname, como, por exemplo, Benzdorp e Antino. Segundo informações coletadas durante pesquisa de campo e entrevista nas áreas de garimpagem, grande parte dos garimpeiros atravessou a fronteira sem portar documentos pessoais, além de viver em constante deslocamento entre os garimpos do Suriname e da Guiana Francesa, realizando assim travessias periódicas.

O aumento do número de garimpeiros contribuiu significativamente para o desenvolvimento da exploração informal do ouro, que, junto com o tráfico de drogas e a remessa da diáspora surinamesa nos Países Baixos, passou a produzir lucros superiores quando comparado com os outros meios de captação de recursos financeiros, como, por exemplo, a extração de bauxita e a agricultura. Isto posto, a extração informal e em pequena escala do ouro hodiernamente se traduz em um dos principais pilares econômicos do Suriname, movimentando e dinamizando economias satélites como o mercado de alimentos, roupas, prostituição e o fluxo de pessoas e produtos que se deslocam constantemente no eixo garimpo-cidade-garimpo (HOOGBERGEN; KRUIJT, 2004; HÖFS, 2006). Tal situação é caracterizada como o aspecto econômico mais preocupante e delicado no país. Estudos da *World Wildlife Fund* (WWF) revelam que a garimpagem, atualmente, é considerada uma atividade indispensável para a economia surinamesa, pois somente nesse setor movimenta-se mais de US\$ 1,7 bilhões anuais (EVERS, 2010). Ainda no mesmo documento, ressalta-se a existência de poucas áreas com licenciamento para essa atividade, sendo que mais de 90% encontram-se em situação irregular. As estimativas ainda apontam que mais de 15 mil pessoas sobrevivem direta e indiretamente dessa atividade.

Com base em diversos estudos e relatórios, contendo informações próximas aos dados supramencionados, desde o início do século XXI, o Estado vem tentando assumir o controle da mineração em pequena escala. Todavia, os quilombolas têm os seus direitos assegurados, e o *granman*⁵ é considerado a autoridade máxima em seu território. Sendo assim, os brasileiros passam a ser o principal alvo nesse jogo de interesses político-econômicos, no qual o principal objetivo é consolidar a presença do Estado nas áreas de garimpagem para controlar e fiscalizar a mineração a fim de ampliar a produção oficial do país – sendo praticamente toda ela situada em territórios quilombolas (FIGURA 1).

5 *Granman* é a autoridade quilombola (OLIVEIRA, RIBEIRO, 2011).

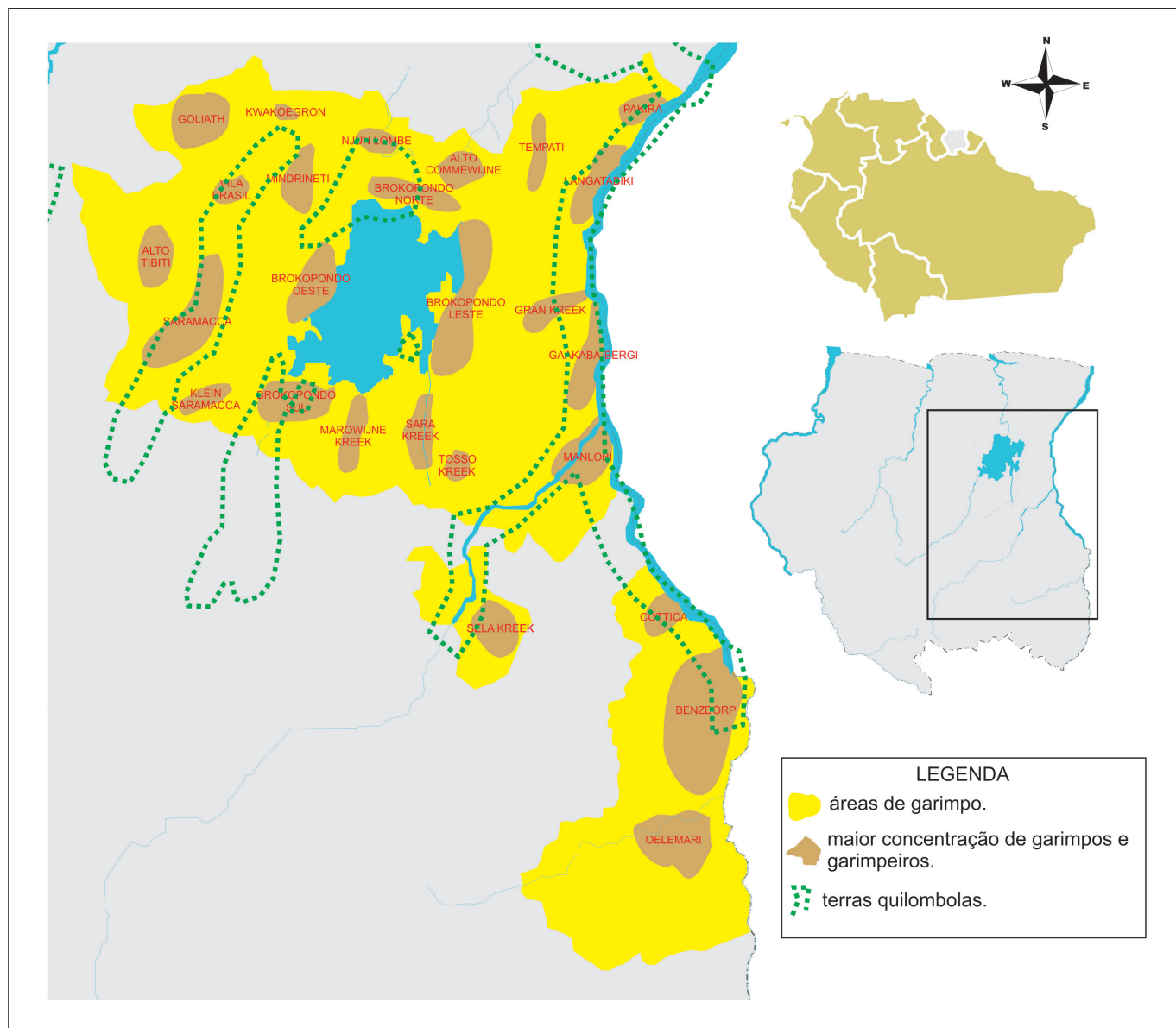


FIGURA 1 – Principais áreas do garimpo de ouro no Suriname

Elaborado por Rafael da Silva Oliveira (a partir de pesquisas de campo entre os anos de 2008 e 2011).

Cumprir mencionar que os quilombolas no Suriname desempenham importante papel no cenário político e econômico do país, sendo um dos mais visíveis e atuantes nas Guianas e Caribe (RIBEIRO, 2006). Esse papel é ainda mais relevante quando consideramos sua participação no setor da mineração do ouro em pequena escala, administrando e controlando áreas de garimpagem e, especialmente, providenciando e garantindo o transporte para o interior do país tanto de pessoas quanto de combustíveis e outros bens/produtos necessários para a manutenção dessa atividade (KAMBEL; MACKAY, 1999).

Os povos tradicionais não têm direito de exploração da área, e por lei não é permitido sublocar para o desenvolvimento da garimpagem. No entanto, de posse do discurso de direito conquistado pela ancestralidade da ocupação de seus antepassados que fugiram para a floresta e formaram os primeiros assentamentos quilombolas, durante o período da escravidão, os quilombolas empregam grupos de garimpeiros (em sua maioria em condição ilegal no país), estabelecem regras, fiscalizam e cobram taxas/impostos. Diante da quase inexistente presença do Estado nessas áreas, essas práticas acontecem livremente, sem controle e pagamento oficial de tributos sobre os recursos extraídos pela atividade garimpeira. Sendo assim, a atividade de mineração do ouro em pequena escala,

responsável atualmente pelo maior volume produzido no país, circula livremente nos comércios das corrutelas⁶ e das demais cidades do país, sem falar na expressiva fuga de capitais ocasionada pelo contrabando e pela remessa ilegal de ouro para o Brasil, Guiana e Guiana Francesa.

Vulneráveis diante da situação de irregularidade, os brasileiros estão sujeitos a diversos riscos e prejuízos, pois os tributos pagos para os quilombolas em nada garantem sua permanência e autorização para trabalharem, que são estabelecidas através de acordos verbais. É comum registrarmos, com base nos jornais surinameses e, principalmente, através dos relatos dos garimpeiros, situações de conflitos nas quais os garimpeiros são expulsos pelos quilombolas e perdem todo o investimento em máquinas e infraestrutura. Agregam-se aos referidos conflitos as diversas incursões do Estado surinamês, como, por exemplo, na Operação *Clean Sweep* (2008), cujo principal objetivo era fiscalizar os garimpos e os garimpeiros para “combater a criminalidade e restabelecer a lei e a justiça” no Suriname (ZANDGROND, 2008). Grande parte das investidas do Estado são voltadas para assumir o controle da mineração em pequena escala no país e, também, garantir a o funcionamento das duas grandes empresas de mineração instaladas no país – a IamGold e SurGold (em diversos casos, garimpeiros e quilombolas desenvolvem a garimpagem em áreas de concessão de grandes empresas).

Por fim, cumpre destacar que o garimpo no Suriname é uma atividade em constante mutação e expansão, cujos conflitos são cada vez mais constantes e com proporções maiores e mais desastrosas, pois o garimpeiro consegue se adaptar rapidamente às adversidades, conflitos e fiscalização, além de buscar novas áreas de garimpagem e técnicas de extração no meio da floresta. Convém ressaltar, como já assinalado anteriormente, que tanto a economia como grande parte da população (quilombola, indígena e urbana) do Suriname são dependentes dos lucros gerados pela atividade da mineração do ouro em pequena escala. Portanto, urge repensar as políticas praticadas em relação aos migrantes que trabalham na garimpagem, sendo necessário um redirecionamento drástico no âmbito das relações entre Estado-garimpeiros-quilombolas – e o reconhecimento da importância da presença brasileira para a economia surinamesa é o primeiro passo rumo à organização do setor da mineração em pequena escala.

Referências

- ABS, ALGEMEEN BUREAU VOOR DE STATISTIEK. 2006. *Censuskantoor*. Paramaribo: ABS.
- BOURGAREL, Sophie. 1990. Les réfugiés surinamiens en Guyane. *Études Créoles* XIII (2): 43-50.
- BRASIL. *Decreto-Lei n. 227 de 28 de fevereiro de 1967*. <http://www.planalto.gov.br/ccivil/Decreto-Lei/Del0227.htm>. (acesso em dezembro de 2010).
- _____. *Lei n. 7.805 de 18 de julho de 1989*. http://www.dnpm-pe.gov.br/Legisla/Lei_7805_89.htm. (acesso em dezembro de 2010).
- EVERS, Ivo. 2010. Kleinschalige goudmijnbouw US\$ 1,7 miljard waard. *De Ware Tijd, Binnenland*, 23/04/2010. <http://www.dwtonline.com>. (acessado em abril de 2010).
- HEEMSKERK, Marieke. 2009. *Kleinschalige goudwinning in Suriname – Een overzicht van sociaaleconomische, politieke, en milieu-aspecten*. Paramaribo: Centrum voor Studie en Documentatie van Latijns Amerika (CEDLA).
- HÖFS, Carolina Carret. 2006. *Yu kan vertrouw mi: você pode confiar*. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Universidade de Brasília (UnB).
- HOOGBERGEN, Wim e KRUIJT, Dirk. 2004. Gold, garimpeiros and Marrons: brazilian migrants and ethnic relationships in post-war Suriname. *Caribbean Studies* 32 (2): 3-44.

6 Local onde ficam concentradas as atividades comerciais, bem como o centro de convívio e lazer da área de garimpagem. Esse centro, em sua maioria, é constituído por uma rua aberta em meio à floresta com alguns acampamentos improvisados que atuam como mercados, centrais de rádio, boates e bares.

- HOOGBERGEN, Wim; KRUIJT, Dirk; POLIMÉ, Thomas. 2001. Goud en Brazilianen. *Oso, Tijdschrift voor Surinaamse Taalkunde, Letterkunde, Cultuur en Geschiedenis* 20 (1): 109-127.
- KAMBEL, Ellen-Rose; MACKAY, Fergus. 1999. *The rights of indigenous people and Maroons in Suriname*. Copenhagen: International Work Group for Indigenous Affairs (IWGIA).
- KRUIJT, Dirk; MAKS, Marion. 2002. De armoede in Suriname, 1980-2000. *OSO, Tijdschrift voor Surinaamse taalkunde, letterkunde, cultuur en geschiedenis* 21 (2): 243-260.
- LEAL, Maria Lúcia Pinto; LEAL, Maria de Fátima Pinto. 2002. *Pesquisa sobre Tráfico de Mulheres, Crianças e Adolescentes para fins de exploração sexual comercial no Brasil – PESTRAF: Relatório Nacional – Brasil*. Brasília: Centro de Referência, Estudos e Ações sobre Crianças e Adolescentes (CECRIA). <http://www.cet.unb.br/turismoeinfancia/portal/attachments/article/38/3PESTRAF%202002.pdf>. (acesso em março de 2009).
- MACMILLAN, Gordon. 1995. *At the end of the rainbow? Gold, land and people in the Brazilian amazon*. Londres: Earthscan Publications Limited.
- MATHIS, Armin. 1995. Garimpagem do ouro na Amazônia. *Paper do NAEA* 36: 1-13.
- OLIVEIRA, Rafael da Silva. 2011. As redes de brasileiras para o trabalho sexual nos garimpos da Guiana, Suriname e Venezuela. In.: RIBEIRO, Miguel Angelo; OLIVEIRA, Rafael da Silva (orgs.). *Território, sexo e prazer: olhares sobre o fenômeno da prostituição na Geografia brasileira*. Rio de Janeiro: Gramma. (no prelo).
- OLIVEIRA, Rafael da Silva; RIBEIRO, José Paulo. 2011. *Wortubuku: sranantongo para brasileiros*. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão (FUNAG).
- PRICE, Richard; PRICE, Sally. 2001. Maroons under Assault in Suriname and French Guiana. *Cultural Survival Quarterly (Maroons in the Americas)* 25 (4): 38-45.
- PROCÓPIO, Argemiro. 2007. A Amazônia Caribenha. *Revista Brasileira de Política Internacional (RBPI)* 50 (2): 97-117. <http://www.scielo.br/pdf/rbpi/v50n2/a07v50n2.pdf>. (acesso em maio de 2009).
- RIBEIRO, Fernando Rosa. 2006. The Guianas Revisited: rethinking a region. In.: GOWRICHARN, Ruben (ed.). *Caribbean transnationalism: migration, pluralisation, and social cohesion*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers.
- RODRIGUES, Francilene. 1996. *Garimpando a sociedade roraimense: uma análise da conjuntura socio-política*. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido. Universidade Federal do Pará.
- SOARES, Ana Paulina Aguiar. 2007. Travessia: uma situação de passagem entre o Brasil e a Guiana Francesa. *Somanlu* 7 (2): 23-58.
- THEIJE, Marjo de e HEEMSKERK, Marieke. 2009. Moving frontiers in the Amazon: Brazilian small-scale gold miners in Suriname. *European Review of Latin America and Caribbean Studies* 87: 5-25.
- VLETTER, D.R.; HAKSTEGE, A. L. 1998. The search for gold in Suriname. In.: WONG, T. E.; VLETTER, D. R.; KROOK, L.; ZONNEVELD, J. I. S.; LOON, A.J. (eds.). *The history of earth sciences in Suriname*. Amsterdam: Royal Netherlands Academy of Arts and Sciences / Netherlands Institute of Applied Geoscience.
- VRIES, Ellen de. 2005. *Suriname na de binnenlandse oorlog*. Amsterdam: KIT Publishers.
- ZANDGROND, Fenny. 2008. Benzdorp na Clean Sweep hetzelfde. *De Ware Tijd, Binnenland*, 01/09/2008. <http://www.dwtonline.com>. (acessado em novembro de 2009).

Resumo

O artigo apresenta um panorama histórico dos fatores que contribuíram para a constituição de uma rota migratória envolvendo brasileiros em busca de trabalho nos garimpos de ouro situados no Suriname. Também apresenta o atual cenário da referida atividade, majoritariamente ilegal, nesse país.

Abstract

This article presents a historical background of the factors that have contributed to creation of a migratory route for Brazilians in search of work in the small-scale gold mining located in Suriname. It also details the current scenario of this mostly illegal activity that takes place in the South American country.

Palavras-chave: garimpeiros; migração internacional; Suriname.

Keywords: *garimpeiros*; international migration; Suriname.

Recebido em 17/05/2001

Aceito em 21/06/2011

